

IDENTIDADE: de ribeirinhos a sertanejos do semiárido

Edinaldo Medeiros Carmo*

RESUMO

O presente estudo analisou a constituição do processo histórico de formação do Núcleo Fazenda Nova e propôs-se a compreender as relações estabelecidas entre os seus moradores na perspectiva de construção de uma nova identidade social. Este reassentamento localiza-se no município de Rafael Jambeiro, Bahia, sendo um dos 15 criados para abrigar as famílias que tiveram suas terras inundadas com a formação do lago Pedra do Cavalo, em decorrência da construção da barragem, na região fumageira do Recôncavo Baiano. Empregou-se uma abordagem qualitativa do tipo Estudo de Caso, utilizando, como técnicas de coleta de dados, a entrevista semiestruturada e o grupo focal. Para complementar as informações, utilizou-se também da análise documental. Os sujeitos do estudo foram 37 pessoas, distribuídas de acordo com a sua representação, e a análise dos dados foi orientada pela técnica de Análise de Conteúdo. Os resultados revelaram que foi necessário tempo para que os moradores assumissem a condição de reassentados de Pedra do Cavalo, fato que se deu com o enfrentamento coletivo das dificuldades cotidianas, o que permitiu a superação do estranhamento inicial e o surgimento de afetos, fatores que contribuíram significativamente para formação do grupo e (re) construção da nova identidade social - sertanejos do semiárido.

Palavras-chave: Barragem Pedra do Cavalo - Identidade - Ribeirinho - Sertanejo

ABSTRACT

IDENTITY: from riverside people to back-country people from the semi arid area

The present work aims to analyze the constitution of the historical formation process of Núcleo Fazenda Nova and to comprehend the relations established among the residents in order to set up a new social identity. This resettlement is situated in Rafael Jambeiro (Bahia, Brazil), and is one out of fifteen created to settle families who had their lands flooded by the formation of a lake due to the construction of the Pedra do Cavalo Dam, in the tobacco region called Recôncavo Baiano. A qualitative case-study approach was applied, similar to using as data collection technique semi-structured interview and focus group. The information was completed using documentary analysis. They were

*Professor Assistente do Departamento de Ciências Naturais da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Mestre em Educação pela UFBA e Doutorando do PPGE/Faculdade de Educação/UFF. Endereço institucional: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Campus Vitória da Conquista, Departamento de Ciências Naturais, Estrada do Bem Querer, Km 4, Campus Universitário, Vitória da Conquista, Bahia, 45083-900. email: medeirosed@ig.com.br.

37 people involved in this study. Data analysis was done according to the Content Analysis technique. The results revealed that a period of time was necessary for the inhabitant to be accounted according to the condition of resettlement of Pedra do Cavalo. This fact, along with the confrontation of the group daily difficulties, allowed to overcome the initial unfamiliarity among them and help to begin new affective relations, factors that contributed significantly to the group formation and to build the new social identity of back-country people from a semi arid area.

Keywords: Pedra do Cavalo - Dam. Identity - River People - Back-country People

Introdução

[...] logo no chegar foi estranho, os povo tudo estranho, mais com o passar do tempo, morano junto, um ali, outro aqui, pegamo prosano um com o outro, foi chegano a camaradagem, hoje eu me sinto com se todo mundo tivesse nascido junto [...].
(Morador do Núcleo Fazenda Nova - grupo focal).

Este estudo teve como cenário o Núcleo Fazenda Nova, situado no município de Rafael Jambeiro, Bahia, um dos 15 criados para abrigar as famílias que tiveram suas terras ocupadas com a formação do lago em decorrência da construção da Barragem Pedra do Cavalo, Recôncavo Baiano, no período de 1979 a 1985. A pesquisa objetivou analisar a constituição do processo histórico de formação do Núcleo Fazenda Nova e compreender as relações estabelecidas entre os moradores na perspectiva de construção de uma nova identidade social.

Depois do reassentamento, os moradores, junto com a casa e alguns hectares, receberam promessas de irrigação, com assistência especializada, direito à concessão de uso das águas remanescentes do lago, projeto de piscicultura, implantação e execução de programa com vistas à organização socioeconômica para melhoria do padrão de vida das famílias. No entanto, os anos foram passando e as promessas esquecidas, assim como as pessoas ali reassentadas. Ao longo desses anos, a comunidade foi criando a sua própria dinâmica de sobrevivência: dos cajueiros, aproveitam a castanha, que, depois de torrada, é vendida às margens da BR-116; do Rio Paraguaçu, retiram peixe para subsistência e, também, numa escala maior, camarão, que é vendido para outros mercados.

Durante a investigação que ocorreu de janeiro a junho de 2006, pudemos constatar que os morado-

res do Núcleo Fazenda Nova anteriormente viviam nos municípios de Antônio Cardoso e Santo Estevão, na faixa ribeirinha do Paraguaçu, numa região de chuvas mais frequentes e solo bastante fértil. Moravam em suas próprias terras, delas tiravam o sustento e ainda usufruíam da água do rio para consumo próprio, consumo dos animais e para pesca. Atualmente, moram numa área de poucas chuvas, solos pobres e baixíssima oferta de água.

Além dessas diferenças socioambientais, existem significativas diferenças culturais entre as populações ribeirinhas e as sertanejas do semiárido, o que faz da realidade do Núcleo um contexto ainda mais complexo. As comunidades ribeirinhas estão adaptadas a um meio abundante de recursos, enquanto as sertanejas têm sua história marcada pela escassez e por precárias condições de vida. Contudo, ambas, dentro de suas próprias realidades, vão construindo formas bem características que garantem sua sobrevivência. Quando uma população é afastada de seu local de origem, além da “perda” de identidade cultural, precisa encontrar maneiras de driblar as condições impostas pela nova realidade, como é o caso dos reassentados do Núcleo Fazenda Nova. Outro aspecto a ser considerado é que a implantação do Núcleo foi institucional, ou seja, é um assentamento artificialmente formado, o que faz com que as pessoas não se vejam pertencentes àquele contexto e haja dificuldade na formação

de uma identidade comunitária. Desta forma, nos questionamos até que ponto o processo histórico de fragmentação sociocomunitária e temporal dessas pessoas, somado a uma trama de desilusão, influenciou na descaracterização de seus valores sociais e culturais e dificultou, pela fragilidade de sentimento de pertencimento ao local, a construção de uma nova identidade social. E, ainda, como foi, no decorrer dos anos, construído e internalizado o sentimento de identidade dos reassentados com o local e com o grupo de moradores que fazem parte do Núcleo?

Considerando essas questões e os objetivos traçados, optamos por uma abordagem qualitativa do tipo Estudo de Caso, por acreditar que as representações, os conflitos, os determinantes históricos, culturais, políticos e sociais não seguem graus de linearidade, mas aparecem inter-relacionados e caracterizados pelas especificidades dos diferentes contextos. Utilizamos como técnica de coleta de dados a entrevista semiestruturada e o grupo focal (GF). A fim de compreender melhor o contexto e complementar as informações, utilizamos também a análise documental. Os sujeitos do estudo foram 37 pessoas, distribuídas em quatro grupos de representação: grupo I (informantes-chave - ex-funcionários da empresa responsável pelo reassentamento e representantes do movimento de resistência ao processo de reassentamento); grupo II (lideranças locais); grupo III (moradores do Núcleo); e, ainda, outros moradores que participaram de grupos focais constituíram o grupo IV (jovens, adultos e idosos). O estudo dos dados foi orientado pela técnica de Análise de Conteúdo, que, mediante a identificação dos núcleos de sentido encontrados nas entrevistas, ajudou a definir as categorias de análise.

Nas discussões dos dados, procuramos articular os vários olhares com depoimentos dos diferentes sujeitos sociais nas estruturas convergentes ou divergentes, a fim de construir uma discussão crítico-reflexiva, em que o diferente também é contemplado para enriquecer o conteúdo com distintas formas de apreensão da realidade. Por último, fundamentamos os depoimentos das entrevistas com os teóricos que sustentam e dialogam com os dados empíricos no processo de triangulação dos dados. Esse caminho permitiu chegar à categoria de análise que apresentamos a seguir.

Identidade: de ribeirinhos a sertanejos do semiárido

Com os dados coletados, focamos a discussão na identidade social, sob a perspectiva da ruptura sociocultural pela qual passaram os reassentados de Pedra do Cavalo, que, do ponto de vista espaço-cultural, antes eram caracterizados como ribeirinhos e, em consequência do reassentamento, tiveram essa identidade social destituída.

Schaller (2002), ao falar do construir um viver juntos na democracia renovada, considera que a passagem da sociedade industrial à sociedade pós-industrial substituiu a produção pelo consumo não só dos produtos manufaturados, mas, principalmente, dos produtos culturais que moldam nossa personalidade. Para o autor, participar dessa sociedade que está sendo construída é participar da troca de informações, dos signos de pertença, o que inevitavelmente acentua a individualidade e a necessidade de ser considerado e reconhecido pelo outro, gerando a necessidade de estabelecer lugar.

Nessa sociedade pós-industrial caracterizada pela luta de lugar, ou seja, pela busca de espaço e posição social, De Gaulejac (1994) *apud* Schaller (2002) ressalta que, contrariamente à sociedade industrial, em que a relação de trabalho era de patrão e empregado, na pós-industrial ela é de executivo e beneficiário. Enquanto o executivo caracteriza-se pela identidade positiva, sucesso, desempenho e competência, o beneficiário caracteriza-se pela passividade, fracasso, dependência e define-se pela falta - os sem terra, sem teto, sem trabalho e tantos outros. No contexto de nosso estudo, aparentemente os reassentados talvez não fossem classificados pela ausência de terra; afinal, eles foram reassentados, mas, essencialmente, o novo lugar trouxe outras inúmeras faltas: trabalho, terra fértil para plantar, e, paradoxalmente, água.

Diante desse fato, quais as implicações dessas carências na (re)construção da identidade? Quais as consequências para uma comunidade que antes era reconhecida como ribeirinha e, agora, por imposição do poder instituído, é caracterizada como sertaneja do semiárido? Quais implicações trazem ao grupo, na (re)construção de uma nova identidade, as diferentes identidades agregadas ao novo contexto - o Núcleo Fazenda Nova?

Etimologicamente, a palavra identidade, do latim, *Id-entidade*, significa *mesma coisa*. Castells (2002) qualifica a identidade como fonte de signos, significados e experiências de um povo, construída mediante o atributo cultural, permeada pela história, geografia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e pessoal, que, processados pelos indivíduos e pelos grupos sociais, são enraizados na estrutura social. Do ponto de vista sociológico, acrescenta o autor, a identidade é construída, e essa construção dá-se de forma constante e mediada pelas interações ocorridas no contexto.

Os dados empíricos mostraram que os reassentados do Núcleo Fazenda Nova, embora provenientes de uma mesma região, eram originários de diferentes comunidades e, anterior ao reassentamento, não havia contato social entre eles. Para analisar como aconteceu a (re)construção dessa nova identidade com o local e com o grupo, tomaremos como dispositivo *as manifestações culturais, as práticas sociais e os vínculos sociais* estabelecidos no grupo.

Os entrevistados falaram das *manifestações culturais* que possuíam em suas comunidades originárias, reportaram-se com certa nostalgia a elas e quase sempre as comparavam às festas que acontecem no Núcleo, conforme podemos ler nestes depoimentos¹ :

Ave Maria, lá era um céu aberto, aqui se fazer uma brincadeira ou um casamento, só vê o pau comer, as briga, o povo tá tudo desgostoso, nem uma reza, muita gente rezava pra São Cosme e tem medo de rezar porque os indíota, junta tudo e faz confusão. Lá era festa de São João, Santo Antônio, setembo, casamento, batizado, todo mundo fazia festa. O casamento dos meu fio era uma festa, um comes e bebe, era um prazer. (GF V, ent. 2).

Os festejo de lá, reza de São Cosme mês de setembro, reza de São Roque mês de agosto [...] dia de casamento, todo mundo era convidado, tinha festa na vespa, no dia, quando era anivesaro também tinha festa de aniversaro, aquela vinzinhaça, todo mundo compartilhava, o que tinha dividia pra todo mundo, não tinha escolha e tinha a camaradagem de todo mundo. [...] meu marido era sanfoneiro, ele era violeiro, as festa era boa, de violão, de safona, de pandeiro, você ia participava da festa até o dia amanhecer, tinha dia que saía sete hora do dia, não

tinha um rê-rê [confusão] com ninguém, todo mundo saía contente, alegue, satisfeito. (Grupo II, ent. 2).

Ah, lá eu era feliz [sorrindo de contentamento], lá antes de eu sorrir, eles sorriam primeiro, lá eu era muito feliz. Minha mãe, meu pai eles não era pessoa de sair não, mais eu, falar a verdade, eu já fui em muita festa lá onde eu morei, já brinquei muito [...]. Lá nois brincava, noite [...] quando a lua ta clara, sai uns vizinho de uma casa pra outa, sentava aí, ficava até hora da noite conversano, brincano, era uma maravilha, eu me sentia lá, não só eu como minha família toda, tudo feliz, lá no Rebouça [com orgulho], mais, depois que passemo pra qui [com desprezo], essa aqui, Fazenda Nova, modificou, até mesmo as nossa colega de lá, fica meio difícil de encontrar. (GF III, ent. 4).

Esses relatos revelam as sequelas deixadas nos reassentados por terem sido retirados de suas terras. A saída fragmentou relações sociais, que não foram integralmente reconstituídas, assim como as tradições culturais alimentadas pelas relações de solidariedade e companheirismo estabelecidas com vizinhos, amigos e parentes. Como geralmente acontece num processo de reassentamento, as famílias não eram provenientes de uma mesma comunidade, conseqüentemente, não havia contato social anterior entre elas, por isso apresentavam grande heterogeneidade de histórias de trabalho e diferentes relações sociais de produção. Durante as mobilizações realizadas pelo movimento de resistência, estavam envolvidas várias famílias que seriam reassentadas e que, naquele momento, desconheciam para onde seriam deslocadas. O movimento e a empresa responsável pelo reassentamento estabeleceram a permanência no município de origem, fato que não aconteceu, em alguns casos. Então, com o reassentamento no Núcleo Fazenda Nova, agregou-se um coletivo com traços culturais diversificados, os quais não foram inicialmente incorporados às práticas cotidianas.

Albuquerque, Vasconcelos e Coelho (2004), citando Bar-Tal (1996), afirmam que para um coletivo tornar-se um grupo, três condições se fazem necessárias. A primeira é que os indivíduos definam-se como membros do grupo. A segunda é

¹ Procuramos, ao máximo, manter o conteúdo manifesto nas falas dos depoentes e transcrevê-las à maneira singular que cada indivíduo faz uso da língua (*ipsis verbis*).

que se tornem comuns as mesmas crenças grupais. E, por último, que exista algum grau de atividade desenvolvida e coordenada dentro do grupo. Essas condições iluminam o olhar frente às dificuldades que encontramos em compreender a constituição do Núcleo na condição de grupo.

Embora seja fortemente notável nos depoimentos que os moradores não nutrem pelo Núcleo os mesmos sentimentos que tinham pelo local onde moravam, pois as manifestações culturais existentes lá os faziam mais felizes do que as que possuem no Núcleo, esses fatores não interferiram na transformação do coletivo em grupo. O fator determinante nessa constituição foram as dificuldades e os sofrimentos compartilhados, aspectos que aproximaram os reassentados. A despeito de não possuírem um contato social anterior, a partir do reassentamento eles passaram a ter uma história comum e a compartilhar as dificuldades da escassez de água, da falta de terra para plantar, de trabalho e de políticas sociais justas. Como eles relataram, foi na busca da água para consumo, na limpeza dos lotes, na lida cotidiana que passaram a se conhecer e a estabelecer laços de amizade e companheirismo, instituindo gradativamente o grupo. Posteriormente, objetivos comuns foram traçados, como cultivar a terra, estabelecer normas de funcionamento do grupo, mesmo que por meio da intervenção das instituições que os assistiam inicialmente. Uma nova identidade social começava a ser forjada.

Devemos considerar que, no local onde moravam, eles denominavam grupo as pessoas com quem possuíam relações sociais permeadas de eventos culturais, de lazer e trabalho. No contexto atual, denominam grupo aqueles com quem compartilham necessidades de sobrevivência e de luta.

Melucci (2001) destaca que a formação da identidade vai além de condicionamentos e vínculos; os indivíduos e os grupos participam dessa construção por meio de processo social de produção de aprendizagem, que resulta em engajamentos e gera projetos e decisões coletivas. Entretanto, analisar a construção da identidade social, objeto de estudo da psicologia social, é certamente uma tarefa complexa em razão da contradição entre permanência e mudança, pois, ao falar de identidade social, devem-se levar em consideração os significados atribuídos pelos indivíduos e grupos

sociais em detrimento de suas decisões e projetos compartilhados no espaço e no tempo (ALBUQUERQUE; VASCONCELOS; COELHO, 2004; CASTELLS, 2002).

Um aspecto destacado por parte significativa dos entrevistados é a ocorrência de alguns desentendimentos entre os participantes durante as manifestações populares da comunidade, o que tem deixado os moradores descontentes e desmotivados para realizar ou participar dessas atividades.

Embora os reassentados tivessem salientado as tradições populares do local onde moravam, outros disseram que algumas festas não eram comemoradas, pois muitos deles moravam distantes e isolados. O novo contexto, certamente, contribuiu para que se criasse uma dinâmica diferente, uma vez que as distâncias, sendo diminutas, exigiam dos reassentados um ritmo de convivência diferenciado, pois passaram a compartilhar dificuldades com seus vizinhos num cenário comunitário. Essas dificuldades, inicialmente, foram decisivas para estabelecer um relacionamento entre eles, pois, de certa forma, os valores, os rituais, os hábitos, os costumes comuns unificam o grupo. É o que se destaca nestes depoimentos:

[...] a gente não conhecia um ao outro, aí nós tomemo intimidade com o outro no caminho da buscação de água, no caminho da roça, nós começemo a entender um com outro e começemo o conhecimento e aí nós se entendimo bem e aí nós vamo levano a vida. (GF II, ent. 1).

[...] logo no chegar foi estranho, os povo tudo estranho, mais com o passar do tempo, morano junto, um ali, outro aqui, pegamo prosano um com o outro, foi chegano a camaradagem, hoje eu me sinto como se todo mundo tivesse nascido junto, vinte ano morando junto, já dá pra conhecer que é 'bonzinho', que é 'meio errado' [sorriu], todo lugar é assim, não tem lugar santo onde todo mundo é igual, têm aquelas diferençazinha. (GF III, ent. 3).

O outro dispositivo que faz interface com a discussão de identidade em nossa análise são as *práticas sociais*. Como podemos perceber nesses depoimentos, os moradores não se conheciam, e foram as experiências compartilhadas no novo contexto que possibilitaram o conhecimento entre eles e permitiram maior interação e o início da construção de uma nova identidade social.

Bar-Tal (1996), citado por Albuquerque, Vasconcelos e Coelho (2004), destaca que a *Teoria da Identidade Social*, elaborada em 1978 por Tajfel, constitui uma importante contribuição para se compreender os processos de formação dos grupos. De acordo com essa teoria, os atores sociais assumem uma identidade pessoal e constroem uma identidade social nos grupos a que julgam pertencer. A identidade social é definida por Tajfel como elemento do autoconceito do indivíduo, decorrente do conhecimento de sua pertença a determinado grupo, sendo as categorias, como nacionalidade, religião, profissão, entre outras, fatores importantes na formação do autoconceito.

Nessa perspectiva, as vivências anteriores, o autoconceito de não ser mais um ribeirinho, mas um reassentado de Pedra do Cavalo, compoem uma nova categoria social, passaram a constituir elementos determinantes na formação da identidade como ator social e como grupo. Os moradores, antes denominados ribeirinhos, agora pertencem à categoria de reassentados de Pedra do Cavalo, aspecto que deve ser considerado, principalmente porque essas famílias passaram por um processo de fragmentação sociocultural quando foram obrigadas a deixar o lugar onde haviam construído sua história, deixar a terra, o rio e morar num local que não haviam escolhido. A formação da nova identidade social, portanto, deu-se a duras penas, em razão das condições socioambientais, políticas e culturais, o que tornou o processo de adaptação lento e doloroso.

Outro aspecto a ser considerado é que os reassentados durante muito tempo esperaram - ainda há os que esperam - o “paraíso” que um dia os fizeram acreditar que aquele local se transformaria. O não cumprimento das promessas aumentou o sentimento de desilusão, dificultando o engajamento dos reassentados em lutas coletivas. Por isso, a formação da identidade social com o local e com o grupo deu-se de forma muito gradativa, pois os reassentados tiveram que enfrentar a desilusão deixada e, por estarem frequentemente projetados ao que antes possuíam - a terra boa para plantar, água abundante, as manifestações culturais, as relações sociais de produção, os vínculos sociais -, tudo isso corroborava para que se mantivessem atrelados ao passado e pouco voltados para as condições do

presente e para as perspectivas de futuro. Entretanto, as suas histórias pessoais e do grupo estavam, a partir daquele momento, recebendo influências culturais, sociais e ambientais diferentes das que possuíam até ali, e a identidade social carecia ser reconstruída, incorporando peças estranhas e não polidas num mosaico ainda desconhecido.

Albuquerque, Vasconcelos e Coelho (2004) ressaltam que para melhor compreensão sobre o funcionamento e organização do grupo é importante compreender alguns fatores que compõem a sua estrutura, como liderança e coesão. Segundo esses autores, o surgimento da liderança dá-se pela posição formal ou informal dos indivíduos na estrutura do grupo. Informalmente, o líder surge como alguém que pode contribuir para concretização de objetivos da coletividade, cujas interações dentro do grupo passam a ser percebidas pelos outros membros. A coesão diz respeito aos objetivos comuns e à comunicação e sentimentos de companheirismo e solidariedades compartilhados pelos membros de um grupo, sem os quais haverá poucas chances de atingir metas em prol do coletivo. No entanto, a intervenção institucional parece ter contribuído para o não surgimento de lideranças locais, uma vez que os processos participativos eram equivocados e deixavam um terreno fértil para atuação de pessoas com interesses eleitorais. Também a heterogeneidade de histórias trazidas pelos reassentados e a falta de objetivos comuns tornavam, em alguns momentos, a coesão do grupo enfraquecida. Entretanto, noutros momentos, foi necessário que o grupo estivesse coeso para que objetivos comuns pudessem ser alcançados, a exemplo da mobilização realizada para impedir que os equipamentos destinados à irrigação fossem retirados do Núcleo.

Poderíamos inferir, portanto, que essa plasticidade, coesão e enfraquecimento do grupo fazem parte da dinâmica social; contudo, a comunidade precisa estabelecer objetivos comuns para exercitar o espírito de grupo, criando espaços de diálogo entre os pares, o que contribuirá para o surgimento de lideranças dentro do próprio Núcleo e fortalecerá os vínculos que tornam o grupo mais coeso, além de manter sua identidade social.

É pertinente destacar também, nos depoimentos anteriores, que os reassentados reconhecem que,

embora possuíssem diferenças, eles entendem-se bem, a ponto de experimentarem o sentimento de como se tivessem nascido no mesmo local. O tempo de convivência e as experiências compartilhadas contribuíram para que eles reconhecessem também que diferenças existem em qualquer lugar.

O terceiro dispositivo que nos auxilia na compreensão da (re)construção da identidade social são os *vínculos sociais* estabelecidos entre os reassentados neste novo cenário e a forma como incorporam-se nas práticas cotidianas da comunidade. Nos relatos subsequentes, podemos identificar algumas unidades de registro que contribuíram significativamente para nossa análise.

A maneira de viver em comunidade é no respeito, na consideração, no amor, na união, vamo dizer que nem eu moro aqui, se eu fizer um digitoro [trabalho solidário realizado por um grupo] para beatar [separar os grãos de feijão da palha] eu chamo, as pessoa vêm e as pessoa quando me chama eu vou; se é pra prantar uma pranta, faz a reunião vai, ajuda; se é pra amaciar um fumo, amacio, na hora de botar o fumo no pano, faz grupo, então ajuda quem tá ali, depois sai, vai pra casa de outo até arrumar o fumo de todo mundo, aí já deixa tudo empacotado, no dia de pesar, vem o caminhão e leva embora. Então, pelo nosso viver aqui é bom, eu acho boa a união do povo aqui pra viver, se você pedir um favor a uma pessoa ninguém diz não, se a gente procurar um dinheiro emprestado na mão de algumas pessoa, só mesmo se a pessoa não tiver, mas se tiver empresta [...]. Eu acho bom viver aqui, ninguém me abusa pra nada, aqui a gente procura a união. (GF II, ent. 2).

[...] às vezes a gente não tem, pelo menos um tempero pra colocar na panela, vai na casa do vizinho que tem, não nega, e aí nós vamo tomano a vida, porque nós não podemos nos acostumar com isso, vai nas casa de uns aos outro todo dia tá pedino. E aí, se não tem seviço? Nós temo que recorrer uns ao outro [...].(GF III, ent. 1).

[...] a gente mora, somos vizinho, não temos o que falar um do outo, se existe alguma coisa fica entre a gente mesmo, mais a gente não vai sair na casa de ninguém pertubano, a gente conversa, vive. Mais cada qual na sua casa, cada qual sabe o que precisa, cada qual sobrevive do jeito que pode, que a gente não vai ficar entrometeno na vida dos outo, [...] os vizinho daqui eu não tenho o que falar dos vizinho, eles são ótima pessoa, nunca existiu conflito nenhum. (GF IV, ent. 4).

Como podemos perceber nesses depoimentos, os reassentados conhecem os princípios de convivência em comunidade, ressaltam valores como respeito, consideração, amor, união e, sobretudo, solidariedade. No que diz respeito aos laços e vínculos sociais, os reassentados salientaram que, com o passar do tempo, conseguiram estabelecer relacionamentos sólidos com os seus vizinhos, com os quais compartilham as dificuldades por meio de ajuda mútua, quer nas atividades pessoais, quer nas comunitárias. A frequência com que esses princípios apareceram nos relatos nos faz crer que, lentamente, foram solidificados vínculos sociais similares aos que possuíam nas suas comunidades de origem. O desconhecimento inicial foi superado com o tempo, a vida cotidiana aproximou as pessoas, fazendo nascer sentimentos determinantes na formação do grupo e na (re)construção da identidade social. Poderíamos dizer, então, que essa construção deu-se com o envolvimento e a participação dos reassentados.

Na discussão da constituição do grupo, da comunidade, cabem algumas considerações quanto à concepção de comunidade que fundamenta este estudo. Bauman (2003, p. 7), no livro *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*, fala do significado que as palavras possuem, das sensações guardadas por algumas e enfatiza o poder que traz a palavra “comunidade”. “Ela sugere uma coisa boa: o que quer que a ‘comunidade’ signifique, é bom ‘ter uma comunidade’, ‘estar numa comunidade’”. No entanto, o autor ressalta que os significados e as sensações que as palavras carregam não são independentes: “Comunidade produz uma sensação boa por causa dos significados que a palavra comunidade carrega - todos eles prometendo prazeres e, no mais das vezes, as espécies de prazer que gostaríamos de experimentar, mas que não alcança mais”.

Sem descaracterizar as sensações que a palavra comunidade nos sugere, vale considerar que compreendemos comunidade não como o local de harmonia por excelência, mas o local, também, da falta de consenso, do conflito, por ser constituído de diferentes atores com sentimentos e perspectivas variadas. No entanto, a convivência com a diferença é o que torna um grupo uma comunidade, que, mesmo diante da diversidade, possui objetivos

comuns a serem alcançados, exigindo coesão, comunicação e cooperação dos seus membros.

Quanto à fragmentação da comunidade, como no caso em que ora nos debruçamos, Bauman (2003, p. 20) afirma que “[...] uma vez desfeita, uma comunidade, ao contrário da fênix com sua capacidade mágica de renascer das cinzas, não pode ser recomposta. E se isso acontecer, não será da forma preservada na memória [...]”. Essa contribuição do autor nos ajuda a entender a ruptura estabelecida quando os ribeirinhos foram obrigados a deixar as suas terras e o processo de reconstituição no Núcleo Fazenda Nova. Os reassentados compõem um espaço comum, entretanto eles são oriundos de diversas comunidades desfeitas. Metaforicamente, poderíamos comparar com as peças separadas de um mosaico que não se encaixam, carecendo, então, de tempo, convivência, atritos, envolvimento para serem moldadas e começarem a compor outro mosaico. À luz dessas reflexões, compreendemos os processos de ação, reação e, muitas vezes, de imobilização e inércia que foram adotados pela comunidade estudada. Aquele agregado de pessoas não possuía uma base cultural comum que as identificasse e solidificasse a história da comunidade (DEMO, 2001), por isso houve necessidade de tempo para que outra identidade social começasse a ser formada. Tempo talvez necessário para que nem a empresa responsável pelo reassentamento nem o governo estadual fossem importunados, pois a ausência de poder ou a não percepção dessa falta, assim como a falta de consciência da condição de exclusão (TASSARA, 2002), calava qualquer voz.

Por último, retomando as *práticas sociais*, destacamos as formas de convivência com o novo contexto. Afinal, a transferência trouxe mudanças também nas formas de trabalho, que ocasionaram uma dinâmica organizacional diferente da que possuíam anteriormente.

Muitos vendem o dia para os fazendeiros vizinhos, quem tem pai aposentado, mãe aposentada fica porgando, vive daquele dinheiro, outros de projeto do governo federal, Fome Zero, Bolsa Escola. Eu conheço gente aqui que tá vivendo com R\$80,00 por mês e têm muitos que necessita e não têm também, muitas família cheia de filho pequeno e não tem também. O povo aqui vive assim. (GF II, ent. 4).

[...] vive de distoca, quando acha, pescaria quando o rio dá. O rio daqui é um braço de rio, estreito, na mesma hora que dá, não dá. [...] outos costura uma rede [de pesca], outos pranta uma mandioquinha, vai mexer a farinha fora do município, que aqui não tem casa de farinha, a casa de farinha tá destruída, outos o marido trabalha fora, quando arruma um trabalho [...]. As muleres daqui só trabalha quando é tempo do inverno [...] porque aqui é difícil o lugar, pra plantar feijão, milho, abóbora, quiabo pra sobreviver com os filho e o fumo que vendo no final do ano, quando o ano tá bom, pega uma safrinha pequena e, quando não dá bom de chuva, não pega nada, vive nos poder de Deus. (GF IV, ent. 1).

As pessoa aqui vive nas graça de Deus. Umass pessoas sai, vai adquirir camarão no rio, outras sai vai armar uns tresmais [rede de pesca] no rio [...]. Quando chega o mês de malço, aí a gente começa a capinar a terra, mesmo com a terra seca [...] quando chove no mês de maio a gente pranta um milho, um feijão, mamão, fumo, batata, veis o feijão só dá pra cozinhar, não dá pra vender, o milho só dá pra criar um pintinho no terrero [...]. Emprego aqui não tem de maneira nenhuma [...].(GF II, ent. 2).

Como pudemos perceber nesses depoimentos, a sobrevivência dos reassentados é fortemente dependente das condições climáticas da região. No uso que eles fazem da terra, predomina a plantação de feijão e milho, porém, nos últimos anos, a produção tem sido suficiente apenas para o consumo da própria família. As dificuldades agravam-se quando são acentuadas pelas precariedades dos meios de produção, a exemplo da casa de farinha, impossibilitada, por vários motivos, de continuar o beneficiamento da mandioca - plantação relevante por ser uma cultura que se adapta melhor às condições de chuvas escassas características da região. Nos últimos anos, o beneficiamento tem sido feito em casas de farinha de outras localidades, às vezes até noutros municípios.

Outro uso que fazem da terra é na plantação de fumo. Essa prática é exercida em parceria com uma empresa de beneficiamento que fornece, no próprio Núcleo, as mudas e o adubo em forma de empréstimo, que é deduzido no período da colheita, depois de alguns meses.

Do rio, poucas pessoas atualmente se utilizam, apenas alguns homens que exerciam atividade de pesca no local onde moravam e continuam exercen-

do no Núcleo. Entretanto, eles alegam a distância do rio até suas casas e a vazão pequena, o que, em períodos de seca, compromete a atividade. Os produtos da pesca são peixe e camarão, respectivamente utilizados para a sobrevivência e fornecidos para outros mercados consumidores.

Infelizmente, muitos reassentados têm sobrevivido de recursos provenientes dos programas sociais do governo federal, como o Bolsa Família, e da Previdência Social, como aposentadorias, pensões e outros auxílios. Em alguns casos, esses recursos são distribuídos com toda a família e ainda os agregados. Aqui pode estar a resposta ao porquê de muitos deles procurarem o Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR) para tornarem-se sócios – é a garantia de receberem esses recursos –, e não, como deveria, para buscar fortalecer a categoria e procurar apoios para desencadear mecanismos de associação e cooperação para o bem da coletividade.

Uma alternativa de sobrevivência tem sido trabalhar como diarista para os fazendeiros locais. Trata-se de uma atividade de oferta não muito frequente, o que obriga alguns a deixarem suas famílias e irem à busca de trabalho em outras municípios e, até mesmo, em outros estados.

O trabalho na lavoura não é exercido somente pela força masculina; as mulheres também trabalham nesta atividade, principalmente no período de plantação, capina e colheita. Na verdade, essa é uma atividade realizada por toda a família, inclusive pelos filhos em idade escolar. Outro aspecto relevante percebido nestas falas é a preocupação com o futuro profissional de seus filhos e com o futuro do Núcleo:

[...] esse povo que tá nascendo aqui não vai nem saber trabalhar, porque não tem onde trabalhar [...]. As criança já pega criar sem saber o ambiente de roça; qual é o lucro que roça dá? Os menino hoje em dia já fala com a gente o quê? ‘Mais papai, o senhor tá morrendo de trabalhar, cabar não tem nada, cadê o feijão que nois prantemo esse ano? Cadê o fumo, a abrobra?’. [...] Os menino vai ficano sem vontade de trabalhar e quem sabe como vai se tornar essa comunidade daqui mais uns anos com esses jovens que não arrumaram emprego e que vão ficar pra viver aqui. De que eles vão saber viver? Do jeito que tá sem trabalho, eles não vão saber cultivar uma roça

pra ter uma melancia pra vender, uma batata, feijão [...].(GF III, ent. 3).

Essa fala sugere uma inquietação com a cultura local, já que as crianças crescem sem aprender a trabalhar com a terra, sem conhecer as técnicas de manejo do solo, de cultivo, de colheita, sem gostar do ambiente rural. É a identidade de sertanejo que ganha som nessas palavras, é a preocupação que aquela história construída naquele contexto, que muitos dos seus filhos não viram nascer, esteja destinada ao desaparecimento, não encoberta pela água como outrora, mas dilacerada pelo descaso a que foram deixados. Há ainda a preocupação com falta de emprego, com as condições de trabalho, que são desestimulantes, pois os esforços depositados na terra não são compensados após a colheita.

No filme *Narradores de Javé*, há o relato de uma história que, em alguns aspectos, aproxima-se da história que nos propomos estudar. Nesse filme, Eliane Caffé conta a sina de uma população ribeirinha que teria suas terras inundadas pela construção de uma hidrelétrica. Na tentativa de impedir que a hidrelétrica fosse construída, a população inicia um processo de mobilização, por meio do relato e do registro - essa era a intenção - da história local e de seus fundadores, como forma de provar para os construtores que Javé (povoado às margens do rio) era mais importante do que a hidrelétrica. De certa forma, os habitantes reportam-se aos elementos de sua identidade social como armas para lutar contra o poder instituído. Como no Núcleo Fazenda Nova, eles temem que seus filhos não tenham a cultura local como herança.

Considerações finais

Ao concluir nossas reflexões sobre como deu-se o processo de fragmentação da identidade social, como ribeirinhos, das famílias reassentadas no Núcleo Fazenda Nova, localizado no município de Rafael Jambeiro, na Bahia, e a (re)construção como sertanejos do semiárido, consideramos que a ruptura com os vínculos culturais, sociais e ambientais foi traumática, pois elas não deixaram embaixo d’água apenas suas terras, deixaram também suas referências culturais, com todos seus elementos subjetivos, seus vínculos afetivos com

o lugar, com as pessoas de quem foram separadas, com a terra, com o rio... Parte de sua vida foi deixada pra trás, separada por um lago que a seca não faz baixar.

Por isso, foi necessário tempo para sarar a ferida deixada e iniciar um processo de identificação com as pessoas e com o local. Para todos eles, as cicatrizes fazem reportar-se a essa história encoberta pela água, com muita dor. Mas, como pudemos perceber pelos depoimentos, a comunidade conseguiu estabelecer *vínculos sociais*, laços afetivos entre seus pares, e com eles tentam driblar as dificuldades impostas pelas condições climáticas e a péssima qualidade do solo, além dos obstáculos estruturais do Núcleo.

Nessa fragmentação da identidade como ribeirinhos e na (re)construção como sertanejos do semiárido, consideramos que embora os reassentados tivessem encontrado fortes dificuldades de adaptação, além do fato de eles não se conhecerem inicialmente, o enfrentamento coletivo dos percalços e a busca da sobrevivência contribuíram, consideravelmente, para que *vínculos sociais* fossem criados e gradativamente normas de convivência fossem instituídas, de forma que o relacionamento entre as pessoas não representou obstáculo para a construção de uma nova identidade social.

As *manifestações culturais* de suas comunidades de origem foram, gradativamente, introduzidas no novo contexto; entretanto, por falta de incentivo do poder público local e recursos financeiros dos

próprios reassentados, algumas manifestações não têm acontecido. Podemos afirmar que a comunidade iniciou um processo de construção da identidade social, pois os indivíduos definem-se como membros do grupo, possuem crenças comuns e existe um grau de atividade desenvolvida e coordenada dentro do grupo. Infelizmente, essas atividades ainda não evoluíram para a organização sociocomunitária, mas, nas *práticas sociais*, eles se ajudam em atividades de trabalho coletivo, a exemplo da colheita de milho e feijão, empacotamento do fumo, entre outras. Certamente, a comunidade precisa criar espaços de interlocução para fortalecer os vínculos do grupo e estabelecer metas comuns, fato que, conseqüentemente, fará surgir lideranças locais.

Por fim, foi necessário tempo para que os moradores do Núcleo Fazenda Nova assumissem a condição de reassentados de Pedra do Cavalo, fato que se deu com o enfrentamento coletivo das dificuldades cotidianas, que permitiu a superação do desconhecimento inicial e o surgimento de afetos (capacidade de sermos diretamente afetados pelo outro), fatores que contribuíram significativamente para a formação do grupo e para a (re)construção da nova identidade social - sertanejos do semiárido. Eles foram capazes de perceber que, não obstante as diferenças, para que o grupo e a comunidade fossem formados, era necessário superá-las, traçar objetivos comuns, com coesão, comunicação e cooperação dos seus membros.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Francisco J. Batista; VASCONCELOS, Tatiana Cristina. C.; COELHO, Jorge Artur A. P. M. Análise psicossocial do assentamento e seu entorno. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 17, n. 2, p. 233-242, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.com.br>>. Acesso em: 16 mar. 2006.
- BAUMAN, Zygmunt. **A comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- CASTELLS, Manuel. **A era da informação: economia, sociedade e cultura: o poder da identidade**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. v. 2.
- DEMO, Pedro. **Participação é conquista**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- MELUCCI, Alberto. **A invenção do presente: movimentos sociais e sociedades complexas**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- NARRADORES de Javé. Direção de Eliane Caffé; Produção de Vânia Catani. [S.l. : s.n.], 2003. 1 videocassete (100 min), VHS, son., color.

SCHALLER, Jean-Jacques. Construir um viver junto na democracia renovada. **Educação e Pesquisa**, v. 28, n. 2, p. 147-164, jul./dez. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.com.br>>. Acesso em: 16 mar. 2006.

TASSARA, Eda Terezinha de Oliveira. **Avaliação de projetos sociais**: uma alternativa de inclusão. São Paulo, jul. 2002. Palestra apresentada no curso de Avaliação de Projetos Sociais: construção de indicadores. Promovido pelo Lab-Social.

Recebido em 27.04.10

Aprovado em 20.06.10